

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
CAMPUS URUGUAIANA  
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS  
CURSO DE PEDAGOGIA EDUCAÇÃO INFANTIL

ANA PAULA MARQUES SUTERIO

**A RELEVÂNCIA DO TRABALHO DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DA  
AUTOESTIMA DA CRIANÇA NA SALA DE AULA**

Uruguaiana

2009

ANA PAULA MARQUES SUTERIO

**A RELEVÂNCIA DO TRABALHO DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DA  
AUTOESTIMA DA CRIANÇA NA SALA DE AULA**

Trabalho apresentado como requisito para a obtenção do grau de graduação no Curso de Pedagogia Educação Infantil, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, do Campus Uruguaiana, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Me. Lígia Maria dos Santos Mezzomo

Uruguaiana

2009

ANA PAULA MARQUES SUTERIO

**A RELEVÂNCIA DO TRABALHO DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DA  
AUTOESTIMA DA CRIANÇA NA SALA DE AULA**

Trabalho apresentado como requisito para a obtenção do grau de graduação no Curso de Pedagogia Educação Infantil, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, do Campus Uruguaiana, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

Prof.: (Nome - Universidade)

---

Prof.: (Nome - Universidade)

---

Prof.: (Nome - Universidade)

---

Dedico este estudo a minha família e a meu  
esposo, que sempre me apoiaram e me  
incentivaram para meu crescimento pessoal e  
profissional.

## **AGRADECIMENTOS**

A professora Mestre Lígia, Mezzomo pela sua orientação, dedicação e aprendizados que ministrou durante o Curso de Pedagogia Educação Infantil.

A todos os professores que passaram ao longo do Curso, deixando um pouquinho de si, acrescentando muito na minha formação como pessoa, em especial a professora Eliane Petry.

A todas as minhas colegas de Curso que de alguma maneira me incentivaram a continuar a caminhada sem desistir.

## RESUMO

O presente estudo consiste numa pesquisa sobre a importância do trabalho do professor na formação da autoestima da criança na sala de aula, e tem como objetivo entender como o professor trabalha a autoestima de seus alunos e, se trabalha, como o faz. Para a realização desta pesquisa qualitativa etnográfica, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas e observações diretas, agendadas com cinco participantes escolhidas intencionalmente, sendo todas da rede municipal de ensino, na localização da periferia de Uruguiana. As informações coletadas foram analisadas pela técnica de análise de conteúdo proposto por BARDIN (1977), resultando três categorias emergentes, sendo elas: Empatia e reflexão sobre a ação: vivenciando valores e atitudes; Valorização, respeito e segurança: a família e a escola na construção da autoestima do aluno e Prática docente: como o professor trabalha em sala de aula a autoestima. Em síntese, a pesquisa reafirma que autoestima é essencial na vida do ser humano como alicerce na construção da personalidade de todo indivíduo e que o trabalho do professor tem grande relevância na formação da autoestima da criança, sendo que esta é influenciável na aprendizagem tanto de forma negativa como positiva.

**Palavras-chaves:** Autoestima. Aprendizagem.

## ABSTRACT

The present study consists of about the importance of the work of teacher in the formation of estimation of the child in the classroom, and aims to understand how the teacher works estimation of your students, and if it works, as it does. This qualitative ethnographic that owing to the problem demanding this approach prolonged and direct contact with the environment and situation investigated were held semi-structured interviews and observations direct scheduled with five participants chosen intentionally, being all interviewees city education network, the location on the outskirts of Uruguaiana. The information collected were analysed by BARDIN technique (1977), with reading and rereading the interviews for impregnation of their meanings and vertical content review, whereas the horizontal review and key ideas, working each question to all participants interviewed, getting the summary of key ideas and interpretation of meanings, resulting emerging, with three categories: empathy and reflection about the action: experiencing values and attitudes; recovery, and security: the family and the school in the construction of estimation of student and patient practice: as teacher works classroom to estimation. In summary the search reaffirms that estimation is essential in life as the foundation of all personal personality, and that the work of teacher has great relevance in the formation of estimation of the child, and this is influenci learning either positive or negative.

**Keywords:** Estimation. Learning.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	08
<b>2</b>	<b>PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b> .....	100
2.1	O QUE É AUTOESTIMA .....	100
2.2	AUTOCONHECIMENTO .....	122
2.3	A AUTOESTIMA NA ESCOLA .....	13
2.4	RAZÃO E EMOÇÃO: COMO O PROFESSOR TRABALHA ESSES HEMISFÉRIOS .....	14
2.5	AUTOESTIMA E APRENDIZAGEM ESCOLAR .....	15
2.6	A AUTOESTIMA DO PROFESSOR .....	17
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	19
3.1	ABORDAGEM DA PESQUISA .....	19
3.2	QUESTÕES NORTEADORAS .....	20
3.3	PARTICIPANTES .....	20
3.4	COLETA DE DADOS .....	21
<b>3.4.1</b>	<b>Entrevista semi-estruturada</b> .....	21
<b>3.4.2</b>	<b>Observação direta</b> .....	21
3.5	TRATAMENTO DOS DADOS .....	22
<b>3.5.1</b>	<b>Processo de análise dos dados</b> .....	22
<b>3.5.2</b>	<b>Categorias emergentes</b> .....	23
<b>4</b>	<b>RESULTADOS</b> .....	24
4.1	EMPATIA E REFLEXÃO SOBRE A AÇÃO: VIVENCIANDO VALORES E ATITUDES .....	24
4.2	VALORIZAÇÃO, RESPEITO E SEGURANÇA: A FAMÍLIA E A ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DA AUTOESTIMA DO ALUNO .....	33
4.3	PRÁTICA DOCENTE: COMO O PROFESSOR TRABALHA EM SALA DE AULA A AUTOESTIMA .....	41
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	50
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	53

## 1 INTRODUÇÃO

Considerando que para ter sucesso na vida particular e profissional, é indispensável estabelecer e conhecer o conceito que se tem de si, cada um precisa entender a sua autoestima.

Este estudo consiste na importância do trabalho do professor em relação à formação da autoestima da criança na sala de aula e foi idealizado a partir das experiências de estágios decorrentes do Curso de Pedagogia Educação Infantil, onde se observa que, na maioria das vezes, os professores não recebem seus alunos com um bom dia, não incentivam a criação nas atividades, apenas cobram resultados, entre tantas outras atitudes que desestimulam a criança ao invés de encorajá-la. A pesquisa tem por intuito revelar como o professor trabalha o sentimento da autoestima dos seus alunos na sala.

Escolhe-se o tema autoestima por considerar a sua importância na vida e na construção da personalidade das crianças e o conceito que cada um tem si, pois na maioria das vezes em suas famílias são pessoas importantes e bem quistas e quando chegam à escola são apenas mais um número na chamada, uma classe preenchida, apenas mais um entre tantos, e que acabam de ter que se adaptar aos olhares dos outros se quiserem fazer parte de um grupo, caso contrário serão excluídos do meio.

Muitas vezes essas crianças acabam por negar sua personalidade para agradar aos demais, esquecendo de si, de como é bom e faz bem se sentir bem, a autoestima na infância ainda é pouco comentada, geralmente os adultos denominam que criança não tem problemas e acabam deixando de lado atitudes que poderiam diagnosticar algo, como a pouca autoestima, que mais tarde pode acarretar num nível de aprendizagem inferior ao esperado.

O Curso de Pedagogia Educação Infantil proporcionou essa reflexão sobre a relevância da construção da autoestima na criança de pré-escola e o trabalho do professor nessa formação entre autoestima e conceitos, autoestima e amor próprio, autoestima e aceitação, autoestima e escolhas, autoestima e sucesso.

Os principais autores que deram suporte a pesquisa foram Franco Voli, abordando a autoestima do professor dentro da sala de aula, salientando que antes de ser o profissional existe a pessoa do professor, e ressaltando que o professor

pode ter uma atuação determinante na nossa sociedade. O autor Deroni Sabbi acredita no uso da inteligência emocional, uma vez que o bom uso da inteligência emocional leva à compreensão de lidar com as emoções, a motivação, a confiança em si, a superar frustrações, tudo relacionado a forma de pensar sem dividir a razão da emoção.

Essa pesquisa tem por objetivo verificar a maneira que o professor trabalha a autoestima dos seus alunos em sala de aula, averiguar como o professor trabalha a razão e a emoção das crianças e compreender a relação entre autoestima e aprendizagem na pré-escola.

O interesse desta pesquisa é entender se o professor estimula, a autoestima da criança na pré-escola, se promove ações que levem a refletir a importância de ter uma autoestima elevada, se este professor trabalha a razão e a emoção ao mesmo tempo e reconhece o valor da autoestima na formação do indivíduo.

O problema que esta pesquisa procura compreender é de que forma o professor interfere na construção da autoestima da criança na pré-escola?

Busca-se através deste problema responder questões que desafiam o professor a refletir sobre o seu trabalho, se este profissional conhece a sua turma e sabe lidar com os seus sentimentos e os sentimentos dos seus alunos, se este professor entende ter alguma participação na formação da personalidade da criança e considera-se responsável, o que faz para ajudar na construção diária da formação da criança na sala de aula.

## 2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

### 2.1 O QUE É AUTOESTIMA

Como se pode nutrir um sentimento como a autoestima se desde criança recebe-se a formação para atender as expectativas dos outros?

A autoestima desperta individualmente conceitos, e é assim definida por diferentes autores. Segundo Briggs (2002, p.5), a autoestima é a maneira pela qual uma pessoa se sente em relação a si mesma. É o juízo geral que faz de si mesma – quanto gosta de sua própria pessoa.

Para Sabbi (2004, p.187), a autoestima pode ser o mais importante recurso psicológico que temos para nos ajudar a enfrentar os desafios do futuro.

“A autoestima é a base do crescimento positivo nas relações humanas, no aprendizado, na criatividade e na responsabilidade pessoal” (CLEMES; BEAN 1995, p.9).

A verdade é que cada um vai conceituar e contextualizar a sua autoestima de maneira diferente. O processo de internalização do sentimento autoestima depende de fatores internos e externos, ou seja, depende de seus sentimentos em relação a si mesmo e no meio em que vive.

Trava-se uma luta interior para responder as buscas externas de ser amado pelos outros, afinal a sociedade em que se vive impõe regras, como ter um corpo esteticamente perfeito, pertencer a uma classe social elevada, ter concluído no mínimo o ensino médio, ser criativo, ter um bom emprego, ter uma família perfeita, ser empreendedor, entre outros aspectos que são requisitados para ser aceito e não ser discriminado, diferenciado ou até mesmo ridicularizado pelos outros.

“Vincular nossa autoestima a qualquer fator externo ao controle de nossa vontade, como por exemplo, as escolhas ou os atos de outras pessoas, é convidar a angústia.” (BRANDEN, 1998, p.14). Pior que convidar a angústia é conviver com ela, e ter a insensatez de acreditar que só se é feliz se agradarmos aos outros e que a opinião deles vale mais que seus sentimentos.

Basear as suas atitudes na intenção de agradar aos outros em função de ser aceito para viver numa pseudo-sociedade, onde muitos não têm amor próprio, mas

se acham dignos de julgar o próximo. E se considerarmos que a opinião dos outros vale mais do que os seus sentimentos certamente estará preso dentro de si mesmo.

Interiormente a autoestima implica em uma avaliação afetiva do próprio eu. Sugere em gostar de si mesmo, considerando a aparência física, habilidades, as capacidades, seus conhecimentos e as relações com as outras pessoas. Em outras palavras, significa aceitar a si, acolher as dificuldades e limitações, aceitar aos outros, saber conviver, entender a unidade de cada um de nós.

“Há uma tendência a achar que o amor a si mesmo é vaidade, egoísmo e arrogância, e é talvez por isso que ele não seja despertado e estimulado em nós desde pequenos” (HAY, 2001, p.7).

Disfarçadamente a autoestima carrega consigo a necessidade de aprovação das atitudes em relação ao que os outros irão pensar da gente. Várias vezes as pessoas se vestem para agradar aos olhos dos outros e não para se sentir bem, pensam que falam uma linguagem culta para impressionar a pessoa ao lado, quando às vezes mal sabem utilizar a concordância verbal, compram futilidades caras para mostrar seu poder econômico aos outros, mesmo não precisando de tal objeto, carro ou roupa.

Muitas vezes as pessoas sofrem mutações e amputam suas expectativas, verdades e sentimentos, para se adaptar ao mundo externo e esquecendo-se de si, o que são e o que querem. A autoestima tem função de conduzir o caráter e formar a personalidade, mas nem sempre a gente é o que, ou quem queremos realmente ser, porque o mundo como um todo é muito cruel e faz com que se renuncie a conhecer e cultivar o que se tem de melhor, o nosso eu.

A auto-estima começa a se formar na infância, a partir de como as outras pessoas te tratam. A criança percebe no olhar e na expressão amorosa dos pais que está recebendo atenção, daqueles que a cercam se encantam e se preocupam com ela. Os pais atuam como espelhos, que devolvem determinadas imagens ao filho. Se os pais estão sempre opinando a partir de uma perspectiva negativa para os filhos, e se estão sempre os taxando de inúteis e incapazes, ou usando de zombarias e ironias, críticas, humilhações, irá se formando neles uma imagem acanhada de seu valor. E se com os amigos, na rua e na escola, repetem-se as mesmas relações, forma-se uma pessoa com autoestima baixa.

O contrário também é possível de acontecer, se uma criança vive em um ambiente de estímulos, incentivos, é motivado a amar, estudar, respeitar os outros e

recebe esse amor e respeito em troca, com certeza será uma criança com autoestima elevada e feliz, pois tem esse carinho dentro da família, algo muito importante para a criança.

## 2.2 AUTOCONHECIMENTO

Se autoconhecer talvez seja o segredo para a motivação e o sucesso profissional e pessoal, aprender a se conhecer, saber o que te realiza que te dá satisfação, aquilo te deprime, ou que te oprime, o que te faz feliz, e, além disso, é preciso sempre rever os seus conceitos, as opiniões, aceitar o que não tem jeito, capacitar-se a lidar com as mudanças que ocorrem a sua volta. As pessoas têm a imagem que você passa para elas naquele momento, isto significa que os outros vêem o que você quis mostrar.

O nosso autoconhecimento consiste na consciência de nossos pensamentos, conflitos, ambigüidades, características, qualidades, comportamentos, crenças e valores. Inclui a consciência das atitudes em relação a nós mesmos e aos outros e a nossa vivência no meio ambiente. (SABBI, 2004, p.107)

Este autoconhecimento só se desenvolve com a experiência, a reflexão e o auto-exame da própria pessoa, o seu desenvolvimento depende da capacidade de autocrítica, de ver a si próprio, suas fraquezas e limitações e suas virtudes. Transformar uma vida comum em uma vida de êxitos começa com a mudança dentro de cada um, de dentro para fora, por isso é importante reavaliar os seus conceitos, conhecer as suas necessidades, preparar-se para novos desafios e enfrentar as diversidades.

O autoconhecimento implica em dedicar um período de reflexão sobre suas atitudes diante a vida, significa estar aberto pra dentro do seu próprio eu, voltar-se para dentro de si e enxergar quem você realmente é tirar a máscara e aceitar melhorar seus defeitos. Ter noção da sua existência como pessoa que tem erros, mas que também tenta acertar.

Cada indivíduo possui um lado positivo e negativo, o importante é se autoconhecer para trabalhar esses pontos sem que afete sua autoestima.

### 2.3 A AUTOESTIMA NA ESCOLA

Além de construir o conhecimento, a Escola também desenvolve o papel de formar cidadãos conscientes, indivíduos seguros conhecedores de deveres e direitos, e deveria pensar também no emocional do seu aluno, pois um ser só é completo com a razão e a emoção.

“O aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual. Ele pode acelerar ou diminuir o ritmo de desenvolvimento. Ele pode determinar sobre que conteúdos a atividade intelectual se concentrará” (WADSWORTH, 1993, p. 23).

Quando se ingressa na escola, com certeza tem início uma nova etapa na vida de cada um e o professor será o responsável em ajudar a construir uma personalidade saudável em cada criança-aluno, sem deixar de transformar informação em conhecimento, mas também cuidando do lado emocional do aluno.

“[...] a escola precisa ajudar toda criança a se autoconhecer, pois assim sentir-se-á apoiada em bases firmes sobre as quais construirá sua vida e saberá identificar o que necessita ser mudado e como realizar essa mudança” (ANTUNES, 2003, p.21).

O conceito que cada um tem de si pode ser transmitido pelas pessoas que estão ao seu redor, daí a importância de se autoconhecer, pois todos são vulneráveis a mudanças. Mudanças essas que podem esclarecer ou deturpar suas convicções de quem são e o que querem.

“A pouca auto-estima limita a capacidade de alcançar sucesso na aprendizagem, nos relacionamentos humanos e em todas as áreas produtivas da vida” (CLEMES; BEAN, 1995, p.13). Conhecedor desse fato cabe ao professor dentro da sala de aula, ter a sensibilidade de observar e enxergar cada aluno como uno, detectar as carências e virtudes de comportamento de cada criança.

Acumulam-se evidências de que seres humanos de todas as idades são mais felizes e mais capazes de desenvolver melhor seus talentos quando estão seguros de que, por trás deles, existem uma ou mais pessoas que virão em sua ajuda caso surjam dificuldades (BOWLBY, 2001, p.139).

Nesse sentido salienta-se a importância da criação de vínculos afetivos. Assim, o aluno poderá desenvolver um vínculo de confiança com o professor, e o

professor deve corresponder esta confiança ao aluno.

## 2.4 RAZÃO E EMOÇÃO: COMO O PROFESSOR TRABALHA ESSES HEMISFÉRIOS

Dentro da sala de aula o professor deve exercer sua função de mediador no processo ensino-aprendizagem, isto significa trabalhar com o pensamento racional, ou seja, a razão, e com os sentimentos, ou seja, a emoção do seu aluno. Afinal o ser humano é composto de razão e emoção, embora no cérebro exista certa “divisão” entre lado esquerdo e lado direito, o órgão cérebro é um só e deve ser estimulado em todos os sentidos.

Segundo Gardner (2002), antigamente na época clássica era comum diferenciar funções ou partes distintas da mente, ou seja, os “espertos”, “vivos”, “capazes” ou “inteligentes” trabalhavam somente a razão. Assim, contra uma crença compartilhada, ao longo dos séculos, há um contínuo debate na propriedade de dividir o intelecto em partes.

Gardner (2002) aponta para a evidência de existência de diversas competências intelectuais humanas e que estas inteligências trabalham em harmonia. Estudos recentes revelam que regiões parietais posteriores, particularmente no hemisfério esquerdo, provam ser de especial importância na solução de tarefas que exige a inteligência “bruta”, como cálculos. Já no centro do conhecimento pessoal, conforme representado no cérebro pelo lado direito nos lóbulos frontais parece haver dois tipos de informações, ou seja, a primeira é a capacidade de conhecer outras pessoas, de reconhecer seus rostos, suas vozes e suas personalidades e de se engajar em atividades com elas. O outro tipo é a sensibilidade aos próprios sentimentos, às vontades e medos, às próprias histórias pessoais.

Conforme Gardner (2002) é possível trabalhar as inteligências múltiplas em harmonia. Isto é, pode se trabalhar com a razão e a emoção para formar um indivíduo que saiba relacionar os dois hemisférios do cérebro e aprender a “ser” humano. Mas, na sala de aula, será que o professor tem consciência de estimular seu aluno em todos os sentidos e abstrair o máximo de sua capacidade?

“As escolas deveriam de fato interessar-se pela introdução dos princípios e práticas da auto-estima em seus currículos” (BRANDEN, 1998, p.52).

Vale lembrar que o aluno não irá se sentir mais feliz, entusiasmado ou com a autoestima elevada, se o professor passar a mão no rosto dele dizendo o quanto ele é especial. A autoestima deve ser cultivada nas atitudes positivas e nos valores que se passa aos alunos.

“[...] o papel dos professores é essencial ensinando a criança a conhecer-se bem para superar suas incongruências e buscar, com serenidade, seus ideais” (ANTUNES, 2003, p.21). Conhecer bem o aluno, significa observar e diagnosticar cada criança que pertence aquela turma, conhecendo a turma fica mais fácil para o professor idealizar uma meta a ser cumprida com seus alunos no planejamento das aulas, no tratamento com os alunos para que o aprendizado possa fluir, utilizando a razão e a emoção do aluno.

Para Sabbi (2004), o nosso cérebro pensante compõe-se de dois hemisférios, o direito e o esquerdo, cada um com funções diferentes. O direito tem como foco a intuição, a concepção e a interpretação artística, é o lado do sentimento, da emoção, criativo. Já o lado esquerdo coordena as funções do raciocínio, da lógica verbal, da matemática, da razão e do pensamento. Devendo haver uma integração dos hemisférios cerebrais desenvolvendo essa flexibilidade entre razão e emoção. Porque dividir as áreas de conhecimento se pode integrá-las e aprender melhor.

## 2.5 AUTOESTIMA E APRENDIZAGEM ESCOLAR

Como educadores deve-se aceitar e valorizar os alunos, o educador precisa os considerar capazes de desenvolver competências e habilidades necessárias para lidar com seus estudos. Carecendo designar tempo para ouvi-los, assim estará contribuindo para que seus alunos desenvolvam padrões consistentes e realistas, sintam-se encorajados a não se intimidar com o fracasso e aprendam a agir de forma independente e responsável.

A autora Hay (2001) começa seu livro mencionando um dos dez mandamentos da Bíblia, “Ama a teu próximo como a ti mesmo”, é uma afirmação que com certeza provoca uma reflexão sobre o eu de cada um. Como amar o

próximo se muitas vezes não se consegue distinguir os sentimentos em relação a si mesmo?

É difícil também para o professor trabalhar o sentimento dentro da sala de aula com seu aluno, quando muitas vezes, este profissional tem dificuldades em demonstrar os seus sentimentos. Sem dúvidas a autoestima é um sentimento que afeta crianças e adultos, sendo difícil responsabilizar alguém pela sua insuficiência ou falta.

A autoestima positiva funciona como se na realidade, fosse o sistema imunológico da consciência. Fornece resistência, força e capacidade de regeneração. Quando é baixa a autoestima, nossa resiliência diante da vida e suas adversidades diminui. Ficamos aos pedaços diante de vicissitudes que uma percepção mais forte de si mesmo poderia superar. (BRANDEN, 1998, p. 28)

A diferença que nos faz ter uma autoestima elevada ou baixa é a confiança. Confiança em si mesmo, em acreditar que se é capaz, expulsar os medos e procurar desenvolver o amor próprio, ou seja, a autoestima está dentro de cada um cabe a cada pessoa conhecer o seu interior.

Na escola a autoestima é um dos fatores que mais influenciam o aproveitamento escolar da criança. As crianças com baixa autoestima perdem o prazer, a vontade de estudar, sentem-se desmotivadas a continuar os estudos, o que afeta seus sentimentos em relação a si. Geralmente denominam-se inferiores aos outros, começam a ficarem atrasadas em relação ao grupo, os sentimentos refletem na sua pouca aprendizagem. A criança com a autoestima elevada tem orgulho do que faz, demonstra seus sentimentos, enfrenta e assume responsabilidades, sente-se capaz de fazer a diferença.

“A educação para a autoestima deve distanciar-se de palavras como “erro” ou “culpa” e pela descoberta de que aprender a viver é como descobrir um caminho” (ANTUNES, 2003, p.22).

Educar a autoestima é sem dúvida um desafio aos professores, educadores, alunos e sociedade. Aprender o valor do amor próprio, aceitar as pessoas como elas são, cultivar os sentimentos internos e deixar de se preocupar com o que os outros pensem sobre você, é uma caminhada longa, e quem sabe se torne possível.

## 2.6 A AUTOESTIMA DO PROFESSOR

Desde a educação infantil até a universidade, o professor tem muita representatividade na formação e no desenvolvimento de pessoas seguras, abertas, competentes e, sobretudo porque não dizer mais felizes em suas vivências e aprendizagens. O professor como mediador tem a responsabilidade de formar um indivíduo em sua plenitude tanto na construção de conhecimentos quanto na formação do caráter e personalidade.

Querendo ou não, o professor acaba agindo como psicoterapeuta, ainda que não tenha aprendido como fazê-lo, ou pior ainda, tendo que esquecer seus próprios problemas e conflitos em casa para se dedicar a entender, compreender e ajudar seus alunos.

O sistema educativo atual considera que sendo adulto, o professor está maduro para ensinar, esquecendo que ele também é um ser humano e que, portanto também têm suas limitações, medos e angustias. Embora haja inúmeras pesquisas sobre o perfil do professor atuante em sala de aula, parece que ainda a sociedade não entendeu que o professor também tem direito a sua vida particular de sentimentos.

O professor, como pessoa realizada e com autoestima elevada, poderá, assim, projetar em seus alunos um modelo de adulto que os motive e ajude a conseguir uma formação pessoal similar. Para isso, contudo, é necessário estar consciente do que se deve mudar na educação (VOLI, 1998, p.15).

A verdade é que a educação deve se voltar também para a capacitação e a valorização do professor, respeitar seus sentimentos e limitações para que se sinta cômodo e seguro na sala de aula.

O educador atua em classe partindo de seu autoconceito, autoestima, autoconhecimento, auto-realização e, portanto do modo como se sente como pessoa. A imagem que projeta na comunidade educativa é percebida e integrada por seus alunos. Se não estiver suficientemente desenvolvido e maduro como indivíduo, a projeção terá um significado negativo ou neutro, o que não é desejável para a educação das novas gerações. (VOLI, 1998, p.24)

Pois como qualquer pessoa o professor possui uma vida em particular com problemas e conflitos próprios, é claro que quando o profissional professor entra na sala de aula ele deve se desfazer de problemas momentaneamente e contribuir de

forma significativa na formação do aluno sem deixar que suas dificuldades atrapalhem no seu serviço. É preciso também cuidar do lado espiritual do professor, dos estímulos e da motivação desse profissional, apresentando alternativas para este profissional que se encontra desgastado e com baixa autoestima.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 ABORDAGEM DA PESQUISA

Este trabalho caracteriza-se por ser um estudo qualitativo, de cunho etnográfico, sendo a mais indicada na área da educação, tendo o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.

Segundo Bogdan e Biklen (1982, apud LÜDKE, 1986, p.11) a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo.

Os dados coletados são predominantemente descritivos, sendo que o material obtido nesse tipo de pesquisa é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos e entrevistas. O interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas.

A pesquisa qualitativa ou naturalística, segundo Bogdan e Biklen (1982), “envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes” (1986, p.13).

Este trabalho tem uma abordagem etnográfica porque se buscou conservar a complexidade do fenômeno social e a riqueza de seu contexto característico.

[...] a investigação etnográfica procura descobrir as estruturas de significado dos participantes nas diversas formas em que são expressas, os tipos de dados relevantes são: forma e conteúdo da interação verbal dos participantes; forma e conteúdo da interação verbal com o pesquisador; comportamento não-verbal; padrões de ação e não-ação; traços, registros de arquivos e documentos (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.16).

### 3.2 QUESTÕES NORTEADORAS

As questões que nortearam esta pesquisa são:

- Que entendimento os professores têm sobre autoestima?
- Que benefícios na aprendizagem apresenta o aluno que tem sua autoestima elevada?
- Na sala de aula o professor tem consciência de trabalhar os dois hemisférios do cérebro, emoção e razão? E se o faz, como o realiza?
- Que vantagens apresenta uma criança com a autoestima elevada?
- Que desvantagens apresenta uma criança com baixa autoestima?
- Quando e como o professor trabalha a autoestima do aluno na sala de aula?

### 3.3 PARTICIPANTES

A pesquisa foi realizada em instituições públicas da rede municipal de ensino do município de Uruguaiana, onde trabalham os participantes do estudo, que se constituem em professores dessas instituições.

As instituições públicas são EMEI Casinha da Emilia, localizada na vila COAHB II, que oferece a Educação Infantil para crianças de zero a seis anos de idade, sua clientela é composta por crianças que, na grande maioria, são de bairros próximos.

A EMEI Sítio do Saci Pererê, localizada no bairro Cabo Luiz Quevedo, oferece a Educação Infantil para crianças de zero a seis anos de idade e sua clientela é composta por moradores do próprio bairro, pessoas bem humildes.

E a EMEI CAIC, localizada no bairro São Cristóvão, oferece Educação Infantil de zero a seis anos de idade, tendo sua clientela composta por pessoas do próprio bairro e de bairros próximos.

Os participantes desta pesquisa são professores de pré-escola que trabalham nos referidos locais e foram denominados de A, B, C, D e E. Todas concordaram em participar da pesquisa de forma gentil e interessada, sem maiores problemas ou

empecilhos, demonstrando concordância em participar.

### 3.4 COLETA DE DADOS

#### 3.4.1 Entrevista semi-estruturada

Foram obtidas em duas etapas, utilizando-se de dois instrumentos, entrevistas semi-estruturadas e observação direta.

A entrevista semi-estruturada permite uma melhor interação entre o pesquisador e o entrevistado. “[...] na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.33).

Ao lado da observação a entrevista é um dos instrumentos básicos para a coleta de dados, a grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a capacitação imediata e corrente da informação, desempenhando um papel fundamental na resolução do problema investigado.

As entrevistas foram agendadas com as participantes a partir de uma conversa com a pesquisadora que explicou os objetivos do trabalho. Todas as entrevistas foram realizadas no ambiente de trabalho das professoras, em local reservado e o tempo de duração variou entre 60 a 90 minutos. As entrevistas foram gravadas com a autorização das entrevistadas e transcritas para o computador a fim de obter uma melhor análise.

#### 3.4.2 Observação direta

A observação direta possibilita que o pesquisador investigue o problema no lugar onde ocorrem os fatos, assim facilitando a coleta de dados. “[...] a observação precisa ser antes de tudo controlada e sistemática. Isso implica a existência de um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador”

(LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 25).

Tanto a entrevista semi-estruturada quanto as observações auxiliam o pesquisador em relação ao problema. “[...] a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.26).

O fator mais importante é que o investigador tenha bem claro o problema a ser investigado, o que ajuda muito na análise de dados, assim poderá refletir sobre as informações. O problema que orientará o trabalho do pesquisador, o qual deve estar organizado e estruturado para suas observações, determinando o que irá observar sem correr o risco de ter a atenção desviada e observar algo sem significância para o estudo, perdendo a oportunidade de observar algo importante para sua pesquisa.

“Definindo-se claramente o foco da investigação e sua configuração espaço-temporal, ficam mais ou menos evidentes quais aspectos do problema serão cobertos pela observação e qual a melhor forma de captá-los” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.25).

Foram realizadas dez observações, com duração de no mínimo uma hora, na sala de aula de cada participante da pesquisa, tendo como foco “como o professor trabalha a autoestima da criança dentro da sala de aula”, totalizando cinquenta horas de observações. As informações colhidas das observações aparecem no estudo como Nota de Campo e foram registradas num diário de campo.

## 3.5 TRATAMENTO DOS DADOS

### 3.5.1 Processo de análise dos dados

A análise e interpretação dos dados foram realizadas através da técnica de análise de conteúdo, proposta por Bardin (1977) a partir das informações obtidas durante as entrevistas, observações e anotações diárias, sem sair do foco do problema da pesquisa.

“Analisar os dados qualitativos significa “trabalhar” todo o material obtido

durante a pesquisa, ou seja, os relatos de observação, as transcrições de entrevista, as análises de documentos e as demais informações disponíveis” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 45).

O tratamento das informações da pesquisa obedece algumas etapas como leitura e releitura das entrevistas, análise vertical e horizontal, síntese das ideias chave e exploração intensa do material, sistematizando os dados através de análises constantes desde a coleta dos mesmos.

### **3.5.2 Categorias emergentes**

A análise detalhada dos dados possibilitou o surgimento das seguintes categorias:

- 1ª Empatia e Reflexão sobre as ações: Vivenciando valores e atitudes.
- 2ª Valorização, Respeito e Segurança: A família e a escola na construção da autoestima do aluno.
- 3ª Prática docente: Como o professor trabalha em sala de aula a autoestima.

## 4 RESULTADOS

### 4.1 EMPATIA E REFLEXÃO SOBRE A AÇÃO: VIVENCIANDO VALORES E ATITUDES

Nessa categoria encontram-se os depoimentos que abordam a empatia e a reflexão como forma de vivenciar valores e atitudes, assim como as razões de se trabalhar a autoestima na sala de aula e como ela interfere na aprendizagem do aluno.

Trabalhar a autoestima na sala de aula significa impulsionar o aluno rumo ao aprendizado significativo. Os relatos dessa pesquisa evidenciam que os alunos que têm autoestima elevada, relacionam-se bem consigo e com os outros, sentem-se capazes, têm papel ativo na construção do conhecimento, são confiantes, seguros e obtêm ótimos rendimentos escolares. São alunos participantes, envolvidos com o aprendizado e estão sempre prontos para novos desafios.

Cada criança quando chega à escola, independente da idade que apresenta, traz consigo o seu sentimento em relação a si próprio, é importante lembrar que a autoestima não se instala no indivíduo como num passe de mágica, e sim faz parte de um longo processo de construção.

Sendo assim, muitas vezes o aluno que parece tímido, que apresenta problemas de relacionamentos, que tem medo em participar das atividades propostas na sala de aula, seguramente irá apresentar interferências na aprendizagem, não só na escola, mas também na vida.

A professora A em sua entrevista reforça a ideia de que o aprendizado é para a vida toda:

É importante trabalhar a autoestima do aluno, porque assim o trabalho da sala de aula pode fluir para que ele tenha um bom desenvolvimento da aprendizagem. A gente não pode esquecer que esses pequenos são os adultos de amanhã e tudo que eles aprendem hoje é pra vida inteira.

A autoestima pode ser a capacidade de se gostar, de se sentir confiante e bem-sucedido. Trabalhar esses sentimentos nos alunos se torna uma tarefa árdua para o professor que deve auxiliar na construção da autoestima da criança, mas

precisa fazê-lo junto aos demais envolvidos na educação da mesma.

Na medida em que induz a criança a pensar sobre suas ações, vivências e suas atitudes, e faz com que a criança se coloque no lugar do outro, o educador faz com que a mesma analise seus pensamentos, sentimentos e costumes; aos poucos a criança vai construindo seus valores baseada naquilo que ela acredita ser importante. A criança vai construindo a imagem que faz de si com base no que vê e no que ouve dos adultos que a rodeiam, se essas pessoas, família ou professores, não a valorizam, sua autoestima fica comprometida.

É importante lembrar que todo ser humano está sujeito a limitações, nem sempre o professor estará atento a todas as situações na sala de aula e irá perceber qual aluno precisa mais de estímulo ou elogio na hora certa. Surge, então, a importância de compartilhar experiências, quando cada criança tem a oportunidade de manifestar suas vivências e comparar com a realidade dos colegas, abrindo espaço para a formação de novos conceitos e, assim, realizando uma releitura das suas atitudes.

A criança que está de bem consigo, tem mais facilidade na construção do conhecimento no dia-a-dia, porque aprende com mais alegria, se torna mais afetiva e adquire um aprendizado para vida toda.

A professora E considera que, “Trabalhando a autoestima dos nossos alunos, eles aprendem com mais alegria e tem mais facilidades para desenvolver um papel ativo na construção do conhecimento deles”.

Segundo Cledes (1995, p.13) “a pouca autoestima limita a capacidade de alcançar sucesso na aprendizagem, nos relacionamentos humanos e em todas as áreas produtivas da vida”.

A criança quando sai do ambiente familiar e se depara com o ambiente escolar, traz consigo uma bagagem de experiências, valores e vivências adquiridas com os adultos de sua convivência. Ao professor cabe a sensibilidade de conhecer cada aluno e explorar positivamente o potencial que cada um tem, estimulando sempre o aluno a participar de todas as atividades, elogiando seu desempenho, contribuindo para a formação da personalidade sadia da criança. Fica claro que a criança que se sente estimulada, que está de bem com a vida, que gosta de si, aprende com maior facilidade, se relaciona melhor com as pessoas e constrói um aprendizado significativo.

A professora D revela que a autoestima ajuda na aprendizagem das crianças,

segundo seu depoimento.

Eu vejo na sala de aula que aquelas crianças que têm uma autoestima positiva são mais participativos, disciplinados, seguros... E bem mais confiantes, eles têm um ótimo rendimento escolar. Sendo que aqueles que são mais quietinhos, tímidos têm bem mais dificuldades... Eu quero que todos meus alunos participem da aula, procuro sempre elogiar eles... Pra que eles se sintam bem realizando a atividade.

É notória a diferença que faz o elogio na vida da criança, o olhar é diferente, eles sentem-se seguros, gostam de realizar as atividades propostas e mostrar a todos que chegam à sala, demonstram ser crianças mais ativas e participantes envolvidas com as descobertas diárias na educação infantil. O resultado de uma turma bem estimulada é possível observar nos trabalhos realizados que ficam expostos na sala e em cada rosto pequenino que transmite alegria do que faz.

A professora C acredita que:

É fundamental trabalhar a autoestima da criança, na conquista, na evolução da afetividade deles, de como eles se sentem, como eles se relacionam com as outras pessoas, na família, na escola e na vida geral em sociedade.

Segundo Voli (1998), podemos incluir a autoestima entre os elementos básicos do crescimento pessoal, uma vez que elevando o próprio sentido de responsabilidade corresponde a assumir a obrigação por nossa vida, manifestação básica do crescimento como pessoa, sendo este o motivo que nos levaria a empregar a autoestima com referência à educação, ou seja, à auto-educação. Constatou-se que na sua grande maioria, as pessoas com autoestima elevada estão em paz consigo mesmas, estão abertas a relacionar-se de forma empática e compreensiva, aceitam-se a si mesmas como pessoas auto-realizadoras ou em aprendizagens e crescimento contínuo e não permitem que erros e fraquezas interfiram em seu desenvolvimento pessoal, mas aprendem com eles.

A autoestima elevada faz com que as pessoas se aceitem como são, assim respondem pelos seus atos de forma responsável, acreditando que são capazes, fazendo dos obstáculos novas aprendizagens a fim de originar um crescimento contínuo. Com a criança é preciso trabalhar seus sentimentos em relação ao que ela sente a si mesma, oportunizar a ela um autoconhecimento para que possa construir sua autoestima baseada nas reflexões entre os seus valores e atitudes. Ao professor cabe proferir palavras de incentivo ao aluno para que ele possa desenvolver seu potencial.

A professora C relata a importância de se trabalhar a autoestima da criança, mas também destaca as limitações do professor:

A auto-estima interfere demais na aprendizagem do aluno, só que nem sempre tu consegue assim de imediato te dar conta e chegar justamente naquele que precisa mais, que tem a autoestima mais baixa, isso aí leva um tempo, isso aí às vezes muitos professores ou quem sabe até eu, todos nós estamos sujeitos a limitações, não conseguindo enxergar, visualizar assim com tanta nitidez, com tanta força, mas acredito que autoestima é tudo não só na vida das crianças, mas na vida adulta também.

A professora lembra que a autoestima começa a ser construída na infância, mas também reflete na vida adulta e recorda das limitações que se enfrenta como professor diante de tantos alunos com histórias de vida ímpares. Embora o professor tenha o intuito de acertar com todos os alunos, não deixa de estar exposto a erros, é importante aproveitar as situações em sala para conhecer seus alunos e meditar sobre suas limitações.

Durante as observações percebeu-se que a professora D aproveita todas as situações para demonstrar carinho e reciprocidade com seus alunos, desde a entrada na escola, assim ela consegue conhecer melhor os mesmos. *As crianças fazem fila quando chegam à escola e são levadas diretamente ao refeitório para o café. Depois, cada turma se dirige a sua sala, onde são cumprimentadas uma a uma pela professora com um aperto de mão, um beijo, e um bom dia. Logo em seguida cantam uma música de bom dia a todos os colegas fazem uma oração de agradecimento pelo dia que está começando. (nota de campo).*

Com a professora B a recepção não é tão convidativa, talvez porque ela vá de ônibus até a escola devido à distância da sua casa e, quando chega, às 08h00min que é o seu horário, a maioria das crianças já se encontra na sala.

*A professora não recebe as crianças, quem recebe é a auxiliar que chega à escola as 07h30min. A professora diz somente “Bom dia turma” e a maioria das crianças não respondem, são 8h20min. e muitas mães permanecem na sala com os filhos, não falam com a professora, ficam sentadas com os filhos esperando a hora de bater para o café. (nota de campo)*

A atitude dessa professora quem sabe pudesse ser mais entusiasmada em relação aos alunos, ser mais receptiva com as crianças e se possível atender os pais que se encontravam na sala, porque talvez tivessem alguma dúvida, não houve diálogo entre os pais e a professora. Nota-se a diferença de receptividade entre as

professoras B e D e nota-se, também, a diferença de comportamento dos pais e dos alunos. Quiçá se a professora B desse mais abertura de diálogo com os pais, a receptividade tanto dos alunos quanto dos pais seria melhor.

É o adulto quem exerce a principal influência sobre o desenvolvimento da personalidade da criança, fazendo-a assimilar as normas morais que regulam a conduta social da pessoa. A criança aprende essas normas tomando o adulto como exemplo e assimilando as regras de conduta. A criança mostra uma tendência para imitar o adulto, para aprender com ele a avaliar as pessoas, os acontecimentos e as coisas. (MUKHINA, 1996 p.190).

No entanto, porque trabalhar a autoestima na sala de aula, já que a criança considera muito a posição do adulto diante as circunstâncias? Segundo a professora D:

Para que a criança possa se relacionar bem consigo mesma, com os colegas e com as professoras... A criança que tem uma autoestima positiva é confiante, segura, ela consegue ter um bom rendimento na sala de aula, um bom rendimento escolar em tudo o que faça.

Quando a criança sente-se estimulada, ela desperta maior interesse em participar da aula, sente-se segura, integrada ao ambiente. Expõe suas ideias, analisa as situações e propõe soluções para os problemas. Torna-se um ser ativo na construção da aprendizagem.

A professora D evidencia confiança, respeito e incentivo aos seus alunos, logo as crianças também demonstram confiança e carinho pela professora, isto é comprovado nas atividades de sala de aula. *Durante a brincadeira do ovo choco, a professora explicou as regras e pediu que todos participassem. Realmente todos participaram uns mais envergonhados que os outros, mas todos gostaram de brincar. A professora agradeceu a participação e elogiou um aluno muito tímido. "Gostei de ver que tu participou E." (nota de campo)*

A professora D trata a todos com muita educação, os pais, as crianças, os colegas de trabalho e até mesmo os visitantes em sua sala, o que torna possível ver que as crianças seguem seu exemplo de gentileza, a turma é bem disciplinada sem deixar de serem crianças que conversam, brincam, questionam, divergem de opiniões, mas eles têm alegria no que fazem, olham para a professora com muita confiança, há poucas ausências, a turma está sempre cheia.

A cada trabalho, esperam orgulhosos pelo parabéns da professora, são participantes e seguros demonstram receptividade a todos que chegam à sala e

fazem questão de mostrar seus trabalhos, da criança mais tímida a mais agitada, ou melhor, nessa turma não há crianças tímidas, somente mais calmas, porque a professora conseguiu mostrar para eles que não existe certo ou errado, bom mesmo é participar das atividades da aula.

A professora A também reforça a ideia de participação nas atividades e estímulo ao aluno:

A criança que tá de bem com a vida tem vontade de aprender, de vir para a escola de fazer as atividades, está sempre pronta pra enfrentar os desafios, se envolve na aula, participa, questiona. Eu procuro sempre fazer com que todos participem da aula, do mais agitado ao mais tímido.

O relato desta professora evidencia a importância da participação de todos os alunos nas atividades, mas nem sempre ocorreu nas observações, embora a professora saiba da importância de todos participarem, acredita-se que até mesmo sem querer, ela acabou negligenciando neste aspecto.

“[...] a autoestima de um aluno não se deve a condição genética e, menos ainda, a resultado de inteligência ou da personalidade da criança, mas vem da interiorização do quadro que os pais e professores dela fazem” (ROGERS; KELLY apud ANTUNES, 2003, p. 23).

Quando se trata a criança com carinho e respeita-se os seus limites, está se contribuindo para a formação da personalidade dessa criança o que é vital para a aprendizagem e o sucesso na vida, pois está conectada à competência. As crianças pequenas devem se sentir valorizadas por aquilo que são. Um professor que a criança contemple tem o importante papel de ajudá-la a acreditar que ela é capaz e competente.

A professora D, é um bom exemplo dessa admiração que os alunos demonstram por ela, porque ela desperta isso em seus alunos, uma vez que também os valoriza. As crianças que frequentam essa escola são de origem bem humilde, supostamente seriam crianças com pouca autoestima, mas na sala isso não é perceptível, pois a professora instiga a todos com palavras de incentivo. *Durante a atividade de dobradura uma das crianças disse: "Ai professora eu não vou conseguir" (aluno Z) e a professora respondeu: "Vamos tentar juntos Z. se tu não tentar como tu vai conseguir? Eu vou te ajudar" (Professora D) e os colegas começaram a ajudar o menino que não conseguia fazer a dobradura, ao final todos conseguiram e ganharam parabéns da professora, a turma toda era só sorriso. (nota*

*de campo)*

É importante mostrar à criança que ela pode fazer as coisas bem, e do jeito dela, ela pode ter mais dificuldade com algumas coisas do que com outras, a cada atividade realizada o adulto precisa elogiar e incentivar fazendo-a perceber que tem direito de sentir-se importante, que pode aprender, que consegue e que temos respeito por ela e suas conquistas.

Segundo Voli (1998), os professores ideais, que realmente querem e podem modificar alguma coisa de forma positiva e determinante na educação e no ensino, acreditam na própria capacidade, estão conscientes de que ensinando, relacionando-se com seus alunos crescem cada vez mais, estimulam a reflexão e a capacidade de cada aluno, vêem as crianças não apenas como alunos, mas como indivíduos com capacidade de aprender, compreender, participar e também ensinar. Aprendem com eles em qualquer momento e têm consciência disso. Movem admiração, respeito e carinho em seus alunos, aceitam seus alunos como são, promovendo então a auto-reflexão, motivação ao autoconhecimento e crescimento de cada um, ajudam seus alunos a reconhecer seus dons pessoais.

O professor precisa ser movido pela paixão que nutre pelo seu trabalho e deixar que essa paixão transpareça para seu aluno. Precisa aprender e ensinar com todas as oportunidades propostas na sala de aula, respeitando os seus limites e os limites do outros, refletindo e proporcionando reflexão sobre suas vivências e contribuindo com o todo sem esquecer de si.

Quando o professor produz um trabalho de qualidade, ele consegue tirar de cada atividade uma reflexão sobre os valores e atitudes ocultos naquele momento, fazendo com que seus alunos pensem sobre suas ações e as conseqüências a que podem levar seus atos.

*A professora D trabalha com suas atividades de maneira que possa levar o aluno a refletir suas ações como por exemplo no jogo do dado; quando jogar o dado (criança) e cair um número é o número de peças (dominó) que tem que pegar, cada criança pode jogar o dado duas vezes, somando o número de peças que conseguiu pegar, ao final aquele que somar mais peças ganha um brinde (balão). A menina F jogou o dado e caiu no número um, a turma riu dela. A professora disse: “Por que estão rindo, depois ela joga o dado de novo e pode conseguir bem mais peças.” Todos se olharam, (silêncio) A menina L errou na contagem e os colegas começaram a rir e a professora disse: “Deixem de rir da colega, ela se enganou,*

*qualquer um pode se enganar.” “É né tia qualquer um” disse o menino Z. (nota de campo)*

A professora faz com que eles reflitam sobre suas ações e aprendam com elas, faz com que eles analisem e aprendam relacionando, o que podemos e o que devemos fazer, sempre respeitando cada um.

Bons professores têm uma boa cultura acadêmica e transmitem com segurança e eloquência as informações em sala de aula. Os professores fascinantes ultrapassam essa meta. Eles procuram conhecer o funcionamento da mente dos alunos para educar melhor. Para eles, cada aluno não é mais um número na sala de aula, mas um ser humano complexo, com necessidades peculiares. (CURY, 2003, p.57)

Segundo a professora B, os professores, são formadores de opiniões e valores para as crianças, sendo assim devem trabalhar a autoestima na sala de aula.

São os valores que eles adquirem até com os outros colegas, mesmo a gente trabalhando isso aí, todo meu trabalho é baseado na literatura infantil, então ali na literatura infantil, eles vivenciando os personagens... são as vivências tanto na historinha infantil, como as vivências dos outros coleguinhas vai ajudando a formação da autoestima deles também. E nesta faixa-etária, eles não entendem ainda que aquilo ali seja importante para eles, mas nós professores, nós formadores, a gente tem que levar pro lado deles entender, tem criança que já se posiciona, já sabe o que pode fazer o que não pode fazer... é construção todos os dias, todos os assuntos ajudam.

A professora B, procura tirar da literatura infantil relações entre a realidade e a fantasia, fazendo que seus alunos reflitam sobre verdades ocultas na história, fazendo com que eles analisem o que é certo ou errado, colocando-se no lugar dos personagens, assim eles se posicionam sobre os assuntos abordados e constroem sua identidade de forma questionadora e reflexiva.

*A professora B fez uma hora do conto sobre a família, o livro falava sobre os diferentes tipos de família que existem. Durante a história a professora fazia relações entre os personagens e as famílias das crianças. Ela perguntava o que tinha de semelhante ou diferente entre a família deles e a do livro, perguntava se a atitude daquela família era correta, o que mudariam naquela família no final da história. A professora explicou que todo mundo tinha direito de ter uma família, seja como for, só pai, só mãe, ou dois pais, duas mães, o importante era ter uma família, ou se sentir parte de uma família, logo após todos poderiam falar sobre as suas famílias. (nota de campo)*

Segundo Moyles (2002), a leitura de historinhas pode ser uma forma de brincar com palavras e figuras e é uma atividade imediatamente prazerosa para crianças e adultos, além de proporcionar uma rica fonte para a imaginação. As crianças que têm contato com os livros desde cedo, têm uma familiaridade com a metalingüística, noção de palavras, sentenças, pontos, e ainda são capazes de refletir sobre aquilo que é dito a elas, enquanto outras precisarão de muito mais tempo, experiências e esforços para aprender a dizer o que querem e explorar seus pensamentos na linguagem e sobre a linguagem.

Na educação infantil fica clara a importância de se trabalhar a autoestima através de valores e atitudes, de reflexão, de relatos e trocas de experiências. As crianças aprendem de maneira em que cada um contribui com seu relato, quando se colocam no lugar dos colegas, fazendo a turma analisar o que aprenderam. E essa aprendizagem pode advir de uma brincadeira de roda ou até de uma historinha infantil. Com essas atividades, trabalha-se também a autoestima dos alunos. Assim, contribui-se para a formação de um indivíduo seguro e reflexivo, que pensa antes agir, que valoriza suas atitudes e está sempre disposto a aprender.

Segundo Taille (2006), as estruturas mentais dependem da interação para se desenvolverem, se imaginarmos uma criança que vive em um ambiente social onde as relações de reciprocidade praticamente não existem, ela dificilmente desenvolverá a capacidade de pensar as relações sociais por meio da cooperação. Agora imaginemos outra criança que viva em um meio no quais valores como paz, justiça, respeito sejam trocados por outros, como violência, dominação e desrespeito, é bem provável, uma vez que tem a necessidade natural de inserir-se na comunidade que a acolhe, que tal criança não se desenvolva moralmente, pois está submetida a figuras de autoridade que proclamam tais valores e agem inspirados por eles. O que leva inevitavelmente a afirmar que um trabalho educacional sofisticado é necessário para a formação moral e ética dos recém-chegados ao nosso mundo e também para aqueles que já o ocupam há algum tempo, os adultos.

Aprende-se a pensar no que se faz quando se vivencia certos valores e atitudes, e, através da reflexão destes valores e atitudes, compreende-se também a razão de cultivar a autoestima, para que se possa crescer como pessoa e contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária.

## 4.2 VALORIZAÇÃO, RESPEITO E SEGURANÇA: A FAMÍLIA E A ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DA AUTOESTIMA DO ALUNO

Nessa categoria encontram-se os depoimentos sobre o que o professor de educação infantil entende por autoestima, a sua responsabilidade na formação da autoestima do aluno e o que pode interferir nessa construção em sala de aula.

Autoestima pode ser a força interior de cada um, empenho, entusiasmo, segurança, crescimento, estímulo, amor pelo o que se faz, valorização de si, autoimagem, podendo ter várias interpretações dependendo do autor que se consulte, ou a da pessoa que responder o que é autoestima. Basicamente, a autoestima é um sentimento de avaliação individual que pode ser positiva ou negativa, é a opinião que cada um tem da sua pessoa, é ter consciência de seu valor pessoal, acreditar, respeitar e confiar em si.

A autoestima começa a se formar na infância, ou seja, quando inicia a construção da personalidade do indivíduo, tem influência a partir de como as outras pessoas te tratam, os familiares, amigos e professores. As experiências do passado exercem influência significativa na autoestima quando se tornam adultos e passam a entender o significado que ela exerce em suas vidas. Quando se passa por muitas decepções, frustrações, situações de perda, ou quando não são reconhecidos por nada que fazem, há um enfraquecimento da autoestima, O que abala não é só a falta de reconhecimento por parte de alguém, mas principalmente a falta de reconhecimento por si próprio, falta de confiança em si mesmo.

É muito importante o ambiente, o contexto em que a criança cresce, pois este meio pode arquitetar ou destruir sua confiança em si própria. Se os pais ou professores tornam a criança um ser dependente, ela pode se tornar imbuída de falsas crenças, o que contribui para sua baixa autoestima.

A professora C retrata a importância do ambiente escolar com cartazes de incentivo na sala de aula.

*A professora após o sinal da escola fica na porta esperando seus alunos chegarem, beija um por um, conversa com os pais esclarecendo dúvida e espera fechar o portão para ter certeza de que nenhuma criança vai chegar atrasada. Já em sala as crianças são recepcionadas em rodinha, a professora me apresenta e explica o porquê da minha presença na sala, um menino menciona que eu estava na*

*sala deles para aprender a ser professora como a professora deles. Na entrada da sala chama atenção um cartaz de regras de convivência com a frase: “Acredite em você mesmo”. A professora disse que construiu o cartaz com os alunos no início do ano e que todos sabiam o significado da expressão. (nota de campo)*

Se a criança tem uma capacidade inata para o aprendizado e é produtiva na escola, mantêm bons relacionamentos, isto contribui automaticamente para sua autoestima. Nessa relação com a esfera educativa, incluindo o relacionamento com os colegas, vê-se este sentimento se desenvolver bem cedo. Neste momento a criança é facilmente influenciada e moldada pelos que a cercam, especialmente os pais, que são para ela o modelo de comportamento, a imagem em que ela se reflete. Assim se formam os elos de amor ou de ódio, que refletirão imediatamente na construção da sua autoestima. Se os filhos crescem em um ambiente depreciativo, em meio a zombarias e ironias, sua auto-imagem será naturalmente inferior. Esse mesmo padrão pode se repetir na escola e com o círculo de amigos, o que reforçará este sentimento.

A professora D entende que os ambientes escolares e familiares juntos interferem na construção da autoestima da criança. “Acredito que seja um conjunto entre o ambiente familiar, os amigos e escola. Porque essa criança que eu tenho na sala de aula já vem de uma família, com seus valores, suas manias e amizades, eu não posso criticar essa criança, eu tenho que contribuí para a formação dela como pessoa.”

A família, como berço inicial da socialização da criança, tem responsabilidade contínua na formação do indivíduo, educar para os valores é transmitir aos filhos ou alunos as ideias em que realmente se acredita. Todos sabem que a família e a escola estão juntas nesta tarefa, mas cada uma exerce influência com pesos diferentes.

A escola pode dar um apoio fundamental aos pais, mas está longe de substituir a família na empreitada de educar, a família deve vir em primeiro lugar, pois os laços afetivos entre pais e filhos são muito maiores. O ambiente moral da casa tem grande importância na formação das crianças, na escola os pequenos estão num ambiente de grupo diferente do qual precisam se adequar a regras distintas das de casa. A criança precisa perceber claramente que as regras são definidas por aquele que é mais experiente, na escola é o professor e em casa são os pais, porque muitas vezes a criança vê na professora a extensão da mãe, o que

pode atrapalhar a criança na formação de valores, porque os limites impostos pelas mães nem sempre serão os mesmos da escola.

A professora C relata que se apegou a duas crianças de sua sala que acredita serem indisciplinadas pela falta de amor maternal.

*Durante a atividade as crianças teriam que confeccionar um chapéu e pintar com tinta guache, fazendo a relação com o Chapeuzinho vermelho (história contada anteriormente). Dois meninos começaram a passar tinta um no outro, a professora chama a atenção deles educadamente: Por favor G. e D. vamos colaborar com a professora e os colegas, mais tarde a gente conversa”. A professora confidenciou que tinha problemas de indisciplina com os dois meninos e embora eles fossem os mais agitados, a professora se apegou a eles por não terem mães, são criados por parentes que não se importam com a educação dos mesmos. (nota de campo)*

Existe também uma falta de parceria da escola com a família, os pais deveriam se envolver mais com a educação escolar dos filhos, claro que sem invadir o campo de atuação do professor, geralmente os pais procuram a escola quando são convidados para festejar datas comemorativas ou para receber reclamações dos filhos. A escola necessita se atualizar e propor grupos de conversas, trazer os pais para dentro da escola para que eles possam contribuir com a formação das crianças.

As famílias devem incentivar seus filhos de modo que compreendam que são bem quistos por todos; sentindo que a família lhe atribui importância a criança não demonstrará medo ou insegurança quando começar a frequentar o ambiente escolar. A resistência ao carinho, regras de convivência e difícil adaptação na escola, fazem com que as crianças não aceitem novas ideias.

“A escola não é o simples prolongamento da vida familiar, mas um novo plano de vida: um plano de valores. Com efeito, é uma coisa natural, não menos natural que a família e mito diferente desta” (MÉDICI, 1960, p.47).

Aos professores cabe paciência com estes alunos, uma linguagem clara, coerente e carinhosa, precisam também evitar fazer comparações, respeitar cada aluno individualmente, devem procurar ressaltar as qualidades dessa criança e não criticar negativamente.

A relação aluno/professor deve e pode ser uma relação de fé, colaboração e apoio mútuo para o desenvolvimento de cada um. Precisa basear-se no respeito, dignidade, integridade, capacidade, abertura, amor e compaixão mútua. Trata-se de uma relação colateral, ainda que em contexto distinto, da relação ideal pais/filhos (VOLI, 1998, p. 145).

A relação professor e aluno trata-se de uma entrega de ambas as partes o que inclui também abdicar a comportamentos retroativos, necessita haver confiança e respeito acima de tudo em que as partes envolvidas, aluno e professor, possam aprender e ensinar mutuamente. O professor não substitui a família, mas participa ativamente da vida escolar do aluno e muitas vezes também da vida pessoal e acaba contribuindo para a formação da sua personalidade. Seguramente o professor também ganha aprendizado com as experiências vivenciadas, o que torna relevante o trabalho na sala de aula.

Segundo a professora A, quando questionada sobre a responsabilidade dela como professora na formação da autoestima da criança, ela relata:

A educação é algo... que eles vão sair daqui com formação para a vida, e a família também é responsável na formação da autoestima das crianças. A escola tem papel importante na autoestima para eles terem melhor desenvolvimento para a vida. Mas não se pode esquecer que a família tem uma grande parcela de responsabilidade, a escola, o professor sozinho não faz milagres, eu acho que falta a participação da família na escola, os pais têm que apoiar o trabalho do professor, vir na escola e perguntar sobre o desenvolvimento do filho... Acho que falta parceria da escola com a família na formação da criança.

Segundo a professora B, o professor da educação infantil é fortemente responsável pela formação da autoestima por ser considerado uma extensão da família na escola:

Eu acho que ele (professor) tem muita responsabilidade é... na formação deles (crianças), porque eles enxergam muitas vezes o professor de educação infantil, como se fosse a extensão da mãe, que a mãe tá ali, é como eu digo pras mães, eu sou muito de cobrar pode e não pode, mas sou muito de dar carinho, de pegar se tá chorando, vem no colo da tia, de conversar, mas sou muito de cobrar também... fazendo ele sempre pensar nas ações que eles estão fazendo.

As crianças só terão sucesso na escola, no trabalho e na vida social se tiverem sua autoestima positiva diante das adversidades que a vida apresenta. Compete à família e ao professor ajudar a criança no caminho do conhecimento, o triângulo família, escola e aluno devem caminhar juntos em prol de uma educação de qualidade para a vida. Aprender a conviver com seus próprios sentimentos, aceitar-se como é, com defeitos e qualidades, faz parte dessa aprendizagem para a vida em que as responsabilidades devem ser compartilhadas. Esta parceria, a qual a professora se refere, seria o ideal, mas a realidade das escolas ainda é distante deste ideal imaginado.

Segundo Briggs (2002) toda criança, embora umas sejam diferentes das outras, tem as mesmas necessidades psicológicas de se sentir amada e digna, tais necessidades não desaparecem com a infância, todos as temos, e elas acompanham as pessoas até o dia da sua morte. A satisfação dessas necessidades é tão importante para o bem-estar emocional quanto o oxigênio é para a sobrevivência, afinal a única pessoa que não se pode evitar de conviver diariamente, é o próprio eu.

Valorizar o ser humano no seu íntegro, os aspectos positivos da personalidade devem ser ressaltados e os aspectos negativos devem ser trabalhados desde a infância. O segredo da felicidade é a satisfação consigo mesmo, internalizar que se é capaz de resolver problemas e aprender com eles, certamente que não se pode fugir de si mesmo, mas se pode melhorar a visão que tem de si. Quando a pessoa passa a se valorizar e aceitar quem é, os problemas se tornam pequenos diante de si.

Durante as observações, percebe-se que a professora E valoriza seus alunos, em todos os aspectos; *Na sala de aula tem uma menina que visivelmente apresenta problemas de aprendizagem, mas a professora E não mencionou na entrevista. A verdade é que a professora trabalha com ela de igual pra igual, não a rejeita, não a distancia do grupo, pelo contrário ela (menina) participa de todas as atividades com os colegas. A menina J apresenta grandes dificuldades e a professora dedica mais tempo para explicar as atividades para ela, o interessante é ver a professora conversar com a menina, embora a criança demonstre muitas dificuldades, a professora não perde a calma, não fica brava, tem muita paciência e a impressão que transmite é que a menina está totalmente integrada na turma, nenhum colega a trata com indiferença ou preconceito, a menina se sente parte do grupo, é alegre e espontânea, aos olhos de quem é de fora pode parecer no começo que a menina encontraria problemas de adaptação, mas no decorrer da aula pude constatar que a menina é bem quista por todos e bem trabalhada pela professora. (nota de campo)*

Infelizmente, o contrário também aconteceu durante as observações da professora A, embora a professora demonstre dedicação ao seu trabalho com seus alunos, ela tem um caso semelhante de dificuldade de aprendizagem, mas age de maneira diferente da professora E. *Quando cheguei perguntei à professora como era a turma e ela disse: "É uma turma relativamente boa, só tenho um problema com uma menina deficiente que não pára quieta, não sou contra a inclusão, mais me*

*jogaram esta menina aqui dentro sem auxilio nenhum da SEMED, e o máximo que eu posso fazer é que ela saia daqui socializada e já é lucro”. A professora rotulou a menina de incapaz, notei que as atitudes da menina irritavam a professora, pois ela se atirava no chão, falava muito pouco, tem sérios problemas de visão, tem pouca audição, mas a família disse que os médicos ainda não diagnosticaram seu problema. (nota de campo)*

As atitudes das professoras A e E, claramente distintas, mostram a importância do trabalho realizado pelo professor na sala de aula, enquanto a professora E se esforça para a menina J se sentir integrada ao ambiente e se sentir feliz, a professora A enfrenta sérios problemas em se adaptar com as dificuldades apresentadas pela menina V. Cabe ressaltar que a professora E é melhor preparada em termos de formação do que a professora A, talvez esse seja o diferencial, pode-se constatar o desespero e despreparo da professora A, explicitadamente ela pediu auxilio, não cabendo julgar as dificuldades da professora, pois era perceptível a sua angústia diante da situação, o que faz refletir que como seres humanos também se está sujeito a erros e a limitações.

O professor convencional foi treinado apenas para transmitir conteúdos. Não sabe o que fazer diante de problemas como a agressividade, violência, drogas, desvios da sexualidade, inferioridade, dificuldades de expressão e baixa autoestima. Para lidar eficientemente com as dificuldades de seus alunos, é preciso que o professor compreenda o funcionamento dinâmico da psique dentro de si mesmo. Precisa preparar-se através do uso de instrumentos que ampliem seu autoconhecimento, ajudando-o a lidar cada vez melhor com suas frustrações, emoções e sentimentos e com situações de conflito e de relacionamento. É importante que reconheça e saiba transmitir conhecimentos. Mas isso não é suficiente. Precisa também investir sistematicamente num processo de expansão da consciência, incluindo o bom uso dos sentimentos e afetos, que o prepare para viver de maneira mais integrada. Só assim poderá preparar alunos para a vida. (SABBI, 2004, p. 63)

A professora A comenta, em sua entrevista, a contribuição do professor na formação da autoestima da criança e os reflexos que podem gerar na vida adulta. “Quando o professor... É a peça fundamental, se ele bota pra baixo o aluno, por exemplo: Aí tu não vai conseguir, não estimula o aluno, as palavras ferem muito a criança, uma palavra mal dita, na hora errada, com certeza vai ferir muito o aluno. Aí se tu não consegue então deixa, esse professor negativo faz com que a criança se sinta menor, inferior, menosprezada perante aos colegas.

A professora A relata que o professor é peça fundamental nessa construção

de sentimentos, mas é necessário dizer que o professor como peça fundamental também precisa estar de bem com a vida, com a sua profissão, gostar de si mesmo para passar essa imagem para a criança. O adulto professor também um dia foi criança e, possivelmente, enfrentou problemas de auto-imagem, infelizmente não foram educados para demonstrar seus sentimentos, e ainda assim cometem os mesmos erros com seus alunos, ainda existe uma barreira entre querer fazer e realmente fazer diferença. É difícil desvencilhar todos os conceitos construídos erroneamente na infância sobre auto-imagem e autoconceito, o que afeta na vida adulta a autoestima do professor.

O professor, como qualquer cidadão, foi condicionado por essas grandes contradições da educação. Os pais e outros educadores exigiam que as crianças crescessem à sua semelhança, ainda que, muitas vezes, se sentissem, consciente ou inconscientemente, incapazes de ser felizes, efetivos, afetivos e naturais em suas próprias relações. (VOLI, 1998, p. 105)

É certo que o professor deve valorizar o aluno, incentivar suas capacidades, respeitar suas limitações, mas também é certo que o professor se eduque primeiramente para demonstrar a sua afetividade, eduque as suas emoções para transparecer o que sente e o que realmente ele é, principalmente o professor de educação infantil que lida com crianças que estão em formação de personalidade. Como o professor vai ajudar o próximo se não conhece a si mesmo, se não demonstra as suas emoções. Quando o professor gosta do trabalho que realiza, se aceita como é, ele passa esse positivismo para o aluno e a criança desperta a vontade de ir para a escola não só para comer ou brincar, mas também para crescer com os relacionamentos interpessoais e multiplicar o seu conhecimento.

Durante as observações a professora A, demonstrou desconforto diante das adversidades que apresentava sua turma, não sabendo lidar com as situações, passando para seus alunos uma postura negativa.

*As crianças estão muito agitadas pelo adiantado da hora e elas ainda estão com brinquedos nas mesas (10h00min) sem atividades, os jogos são dados sem orientação fica tudo numa bagunça e a professora fica sentada com a auxiliar só gritando para eles não se machucarem e não correrem na sala de aula. Na hora de formar a fila para a escovação, a professora pedia o tempo inteiro que eles ficassem quietos. Uma menina começou a empurrar as outras e a professora disse: - Pára menina, não faz isso. A menina não levou muito a sério a professora e continuou a*

*empurrar. Quando a fila ficou pronta, a professora olhou para o primeiro menino da fila e disse: Tu não aprendeu que tu é o maior e tem que ser sempre o último da fila! Este menino V., que a professora demonstra certa implicância pois é o maior de todos, visivelmente nota-se que o menino tenta chamar a atenção de qualquer jeito, sempre está envolvido em algum desentendimento na sala. (nota de campo)*

A professora A passa insegurança e não consegue ser afetiva com seus alunos, em nenhum momento foi presenciado troca de carinho, conversa ou tentativa de conciliação com os alunos que a mesma considera mais difíceis. Entre poucos alunos a professora distribui palavras de elogio e quase nenhum recebe um abraço da mesma, o que comprova sua dificuldade em expressar sua afetividade.

Um professor com suficiente autoestima projeta nos alunos uma carga suficiente de segurança, carinho, interesse e compreensão, motivando assim um ambiente de autodisciplina. Evidentemente, em cada caso e em cada aula, ocorrem situações distintas, mas em geral, essa prática de conduta repete-se de uma maneira ou de outra, na grande maioria das pessoas. (VOLI, 1998, p.45)

No entanto, o que interfere na construção da autoestima da criança na sala de aula? Segundo os relatos da pesquisa, a interferência se deve ao fato de um professor negativo, comparativo e da formação familiar, ou seja, a formação ética e moral que a criança recebe dentro de casa. Portanto, a escola e a família são responsáveis pela formação intelectual, social, afetiva da criança.

A professora C coloca a questão da valorização do aluno através da escola com a participação da família:

Eles, entre os pares (casais), também têm questões de autoestima que eles têm que resolver. E o professor está ali pra auxiliar e também muito a participação da família, se a gente manda um trabalho pra casa, pra eles fazerem com a família, se valoriza eles, valoriza a família, sem falar que tu faz um elo, ele leva pra casa lá ele vai ter a presença o acompanhamento, um pouco do apoio e da atenção da mãe ou de alguém da família e depois ele traz pra escola pra dividir com a professora, com os colegas e ele se sente valorizado.

A professora achou no trabalho em casa uma maneira de fazer com que a família participe mais da educação dos filhos, assim a criança recebe a atenção da mãe ou pai em casa, e quando chega à escola ela relata como foi trabalhar junto com a família. Uma alternativa para aliar a família junto ao trabalho do professor, valorizando o que cada um tem para acrescentar na educação dos pequenos.

A interação e colaboração entre escola e família é um dos fatores que, atualmente se está promovendo a fundo na reforma educativa em vários países. Trata-se de colaborar para compreender melhor a criança e lhe dar, simultaneamente em casa e na escola, a atenção, a motivação e os reforços necessários para conseguir maturidade, aprendizagem, compreensão, carinho e atenção. (VOLI, 1998, p.42)

Essa parceria entre escola e família seria o ideal, mas se sabe que ainda hoje é difícil e pouco utilizada pelas escolas. Os professores têm grande parcela de responsabilidade nesta parceria, mas muitas vezes se acomodam ao sistema e ignoram essa possibilidade e quem perde com isso é a comunidade escolar, principalmente as crianças.

#### 4.3 PRÁTICA DOCENTE: COMO O PROFESSOR TRABALHA EM SALA DE AULA A AUTOESTIMA

Nessa categoria apresentam-se os depoimentos relativos às práticas do professor em sala de aula sobre a construção da autoestima da criança, se ele costuma trabalhar a razão e a emoção do aluno ao mesmo tempo e como o professor lida com a questão dos rótulos e apelidos na sala de aula.

A cada plano de aula o professor objetiva qual habilidade quer que seu aluno amplie e, geralmente, o professor procura contemplar as áreas de raciocínio, raramente cuidando do emocional da criança. Quando a criança é convidada a participar da atividade e ela demonstra interesse, isso é um bom sinal, pois mostra que o professor acertou no planejamento de acordo com a necessidade da turma, convidando a criança a desafiar os seus limites, fazendo-a perceber que é capaz de vencer seus medos.

Através de atividades que proporcionem associações, relações e vivências é possível trabalhar o emocional da criança, fazendo-a relatar e comparar suas experiências com as dos colegas, fazendo com que analisem as situações o que contribui para seu desenvolvimento. A hora do conto é uma atividade muito rica em termos de aproveitamento das possibilidades, podendo alcançar objetivos da razão e emoção do aluno.

A professora A relata que costuma trabalhar a razão e a emoção dos seus

alunos ao mesmo tempo:

Tudo que a gente faz é integrado... por exemplo, na hora do conto eu trabalho a matemática, os movimentos, artes, música.... Dentro da história quantos personagens, o nome dos personagens, quantas páginas, eu faço os alunos perceberem o que aconteceu na história, que mensagem, valores, a história contem, o que tinha de negativo e positivo, certo ou errado, se eles fizessem parte da história o que fariam de diferente e depois eles reproduzem a história. Acho que consigo trabalhar a razão e a emoção do meu aluno.

Esta professora relata a importância de desenvolver bem uma simples atividade e que não deixa de ser rica em aprendizado para o aluno. Com a hora do conto ela consegue trabalhar o lado lógico e o emocional da criança sem dificuldades.

A professora B diz que para a criança não há separação da razão e da emoção, que eles geralmente usam o lado emocional. “Eles não separam, para eles a razão e a emoção é a mesma coisa. Vamos supor “Tia ele me bateu” e o outro “Não eu não bati” Quem fez (bateu) geralmente ele coloca mais a emoção do que a razão e aí eu faço eles pararem e pensarem o porquê. Que aí vai entrar a razão, raciocinar pra depois fazer. Porque geralmente o que fala pra eles é a emoção deles, eles não param pra pensar, aquilo é tão espontâneo da própria criança.”

A professora B acredita que a emoção fale mais alto para as crianças e, na sala de aula, ela aproveita as situações ocorridas para fazer a relação entre o certo e o errado, isso faz com que seus alunos analisem a situação, reflitam sobre o ocorrido, na prática ela utiliza situações ocorridas na própria sala de aula.

É sempre difícil dizer o que uma estudante finalmente aprendeu a partir da experiência de uma aula prática reflexiva. É especialmente difícil dizer, com razoável segurança, o que ela não aprendeu, porque a experiência do ensino prático pode criar raízes no subsolo da mente. [...] a aprendizagem de fundo absorvida em uma aula prática pode tornar-se evidente apenas quando a estudante entra em um novo contexto, no qual ela vê o que aprendeu à medida que detecta o quanto ela está diferente daqueles em torno dela. (SCHÖN, 2000, p.131)

Realmente é difícil saber o quanto o aluno absorveu daquela aprendizagem reflexiva, contudo o modo prático de fazer com que a criança analise a situação é uma maneira ainda muito plausível na sala de aula.

Mas o adulto também tem dificuldade em agregar razão e emoção, trabalham muito mais com o lado esquerdo, o lado lógico e prático, pois tem problemas em desbloquear seu campo emocional e integrar a razão com a emoção. Imaginemos

agora a criança que tem o adulto como exemplo de conduta, mediador do conhecimento, como ela irá desenvolver os dois hemisférios em conjunto se este adulto não consegue transmitir para criança a integração deste conhecimento, pois este não vivencia essa realidade. Porque dividir o raciocínio em partes se pode trabalhar as informações em ambos os campos de forma harmônica.

O que caracteriza os humanos é a combinação dos sentimentos com a razão, quando crianças geralmente são movidas pelos sentimentos, na vida adulta por fatores internos e externos deixam as emoções de lado para tornar a vida mais competitiva de acordo com o mundo atual.

A prática do professor inclui oportunizar à criança a possibilidade de análise das suas vivências e conceitos, fazer com que as crianças pensem no que é certo e no que é errado, trabalhar o respeito e escolha dos outros. Fica o desafio para o professor em conciliar o trabalho conjunto dos dois hemisférios do cérebro combinando a lógica com a intuição, o professor deve se permitir experimentar emoções para proporcionar novas experiências aos seus alunos.

Poucas pessoas conseguem definir com exatidão o que sentem. Numa sociedade em que somos praticamente treinados desde pequenos, para reprimir, dissimular e até sufocar a emotividade, é previsível encontrarmos resistência sempre que abordamos o assunto. Atrás desta dificuldade diversas vezes existem muita dor e muito sofrimento. A verdade é que crescemos dissociando a parte emocional da parte intelectual, não sendo de admirar que a maioria das pessoas tenha medo de expressar suas emoções. Muitos sentem-se ridículos em fazê-lo. (SABBI, 2004, p. 78)

Muitas vezes é difícil demonstrar os sentimentos, é mais fácil guardar para si, porque demonstrar o que sente pode parecer fraqueza, o que reflete na prática do professor, porque antes de ser o profissional professor, existe uma pessoa que por muitas vezes tem sentimentos reprimidos. À medida que aprendem a compreender, aceitar e a expressar suas emoções de forma construtiva passam a se conhecer e a se relacionar melhor de forma harmoniosa, equilibrada e tranqüila. Com um professor positivo em relação a si mesmo, ele consegue trabalhar a autoestima da criança porque ele tem a sua autoestima positiva e sabe da importância de trabalhar a criança na sala de aula, com atitudes que estimule seu aluno a querer aprender cada vez mais.

A professora C percebe a importância do seu trabalho com as crianças e relata quando e como ela percebe que trabalha a autoestima dos seus alunos:

Eu percebo quando eles se envolvem nas atividades e que tu vê nos olhos deles que eles gostaram daquilo que eles fizeram, que eles gostaram da historinha que tu contou, da música que tu cantou junto com eles, e que eles sentem que aquilo ali é em função deles. Eu não vou cantar sozinha, eu não vou contar uma história se não tiver eles para ouvir.

Para a professora A ela percebe quando a criança desperta o interesse pela atividade:

Eu vejo que a criança tem aquela vontade de fazer o trabalhinho, a atividade, ou até mesmo nas atitudes que a criança tem em sala de aula na relação comigo ou com os colegas. Quando algum deles não consegue realizar a atividade, eu incentivo, faço um elogio, mostro para os outros colegas que ele conseguiu, peço para bater palmas pra ele e tu não imagina o brilho no olho que essa criança tem, o sorriso. Não adianta falar, só vendo, eles ficam maravilhados. No outro dia ele quer fazer mais atividade e melhor.

É difícil para o professor perceber individualmente o que cada criança sente em relação a si mesma, pois ele lida com uma turma que contém vários indivíduos distintos, as professoras medem a importância do seu trabalho através do interesse das crianças, o que é uma boa alternativa, pois demonstra o empenho das professoras em atender seus alunos de forma integral. A formação para a autoestima depende da prática dinâmica do professor, de como ele interfere na construção de conhecimento do aluno, de como ele avalia seu trabalho como professor, de como ele enxerga o aluno diante dele, de como ele trabalha a imagem deste aluno e de como ele lida com os rótulos impostos a seus alunos.

Segundo Antunes, (2003, p. 22), “a educação para autoestima deve ficar longe de palavras como erro ou culpa e pela descoberta de que aprender a viver é como descobrir um caminho”. Contando com ajuda criam quadros de si mesmas como pessoas valorosas e bem-sucedidas, com uma boa autocompreensão e um bom autocontrole. Se ao contrário, forem expostas a adultos que as colocam em desacordo consigo mesmas, mas que se curvam à autoridade da prepotência, fazendo-as sentirem-se culpadas até mesmo de apresentarem necessidades orgânicas e de querer satisfazê-las, se plantará a contradição e através dela os insuperáveis desafios do eu.

A professora A, durante a realização das atividades propostas, costuma incentivar seus alunos de forma que façam o seu melhor.

*A professora dividiu a turma em pequenos grupos de quatro, cada criança recebeu uma folha para pintar um coelho, escrever a palavra coelho, contar quantas*

*letras tem a palavra e representar a quantidade desenhando em forma de cenouras. A professora fica de mesa em mesa estimulando e incentivando as crianças na contagem e na escrita; “Isso mesmo tu consegue G.” “Parabéns K. viu que tu consegue, deixa de ser preguiçosa.” “Isso mesmo L. deixa a preguiça de lado e faz o melhor que tu pode.” (nota de campo)*

O professor necessita ter consciência do seu trabalho na sala de aula, mas não precisa se culpar pelas tentativas frustradas que acabaram não dando certo na educação dos seus alunos, ele precisa entrar em concordância entre sua fala e suas atitudes diante a criança, dar exemplo a ser seguido e não cobrar algo da criança que ele não faça. Com a ajuda do professor, possivelmente as crianças construirão uma imagem positiva de si, passarão a se autoconhecer melhor e serão educadas para demonstrar os seus sentimentos.

*Durante as observações, percebe-se que a professora C evidencia esse cuidado da dar o bom exemplo. Percebi a emoção da professora C. os olhos se encheram de lágrimas, ela me revelou ter recebido formação para “ensinar” e não “educar”; disse que nunca pensou na própria autoestima do trabalho, sente dúvidas, anseios e medos. Disse que procura sempre tratar todos com educação porque é assim que gosta de ser tratada; que muitas vezes está triste por dentro, mas não deixa transparecer, pois as crianças não têm culpa por suas tristezas. (nota de campo)*

A atitude da professora realmente é condizente com o que ela relatou, observa-se sinceridade no depoimento dela, o esforço de querer fazer sempre o melhor para os seus alunos, a maneira de como ela conduz o trabalho na sala de aula sempre valorizando a opinião do aluno, fazendo-o refletir sobre as situações, dando oportunidade de participar, falar se envolver na aula, criando uma imagem positiva de cada aluno e fazendo-os perceberem que cada um tem seu valor e são capazes de vencer desafios. A professora até poderia ter problemas, mas em nenhum momento deixou transparecer ou descontou suas angústias nas crianças, o pessoal não interferiu no profissional.

Quando a escola assume na pessoa do professor a responsabilidade de formar cidadãos, as relações interpessoais ganham um volume indispensável dentro do ambiente escolar, e esse relacionamento entre as pessoas faz com que o professor aprenda a lidar com os alunos, sem envolver os sentimentos intrapessoais.

Para Antunes (2003, p. 12),

a escola ao assumir, entretanto, um papel educativo e, portanto, ao usar a herança cultural a ser transmitida como instrumento para desenvolver competências, aguçar sensibilidades, ensinar a aprender, animar inteligências, desenvolver múltiplas linguagens, capacitar para viver e, assim, transformar o ser humano; as relações interpessoais passaram a ganhar dimensão imprescindível.

A escola aceitou o papel que era exclusivamente da família, ou seja, de ajudar na educação e na formação da criança. Na medida em que a escola assume junto à família essa responsabilidade, ao professor também foi designado, além de trabalhar as habilidades e capacidades, ao mesmo tempo trabalha a educação para os valores, ou seja, o professor assume o papel de educar a razão e a emoção do aluno como pessoa, tanto a parte emocional da criança como parte lógica. Na sala de aula, através das atividades oferecidas para as crianças o professor precisa ter a sensibilidade de integrar os hemisférios do conhecimento de uma forma lúdica emocional e analítica reflexiva para seu aluno.

[...] Quando tu conta uma história... tu conta a história... por exemplo... hoje a história do chapeuzinho vermelho, de repente tu vais estar aqui e vai acompanhar né... quanto sentimento quantas coisas preciosas que falam de valores estão ali naquela história, claro que tu também tem que esperar que as crianças te questionem, que as crianças também queiram ir por esse caminho. (Professora C)

A professora ressalta as diversas alternativas exploratórias de trabalho que a literatura infantil pode proporcionar através de uma simples hora do conto o professor pode explorar os sentimentos despertados, os valores atribuídos, a intuição, sensações, as habilidades intra e interpessoal que fazem parte do hemisfério direito (emoção) e ao mesmo tempo trabalha a reflexão das ações, linguagem, habilidade lógico-matemática, do lado esquerdo (razão). Provando que é possível e benéfico integrar os hemisférios na prática docente a fim de aperfeiçoar o trabalho do professor e o aprendizado do aluno.

A maior parte de nossas escolas ainda trabalha com a visão de inteligência de quase cem anos atrás, educando para um mundo que já passou. Tais escolas abrigam um currículo básico e avaliações regulares, estabelecidas segundo a visão de inteligência baseada nos testes de QI, que levam em conta somente a existência de duas das múltiplas inteligências. Com a evolução da compreensão da inteligência, torna-se necessário um novo projeto educacional em que a escola se proponha a levar em conta que crianças precisam ser educadas com base nesta multiplicidade de aspectos. Nem todos podem ser medidos com exatidão, uma vez que cada indivíduo é diferente em termos cognitivos e psicológicos. (SABBI, 2004, p. 49)

A escola, na figura do professor, tem que estar preparada para trabalhar todas as inteligências do indivíduo, tanto o lado lógico como o lado emocional, a prática do professor precisa estar voltada para trabalhar o aluno como um todo, mas que é composto por partes, deve respeitar os limites e o ritmo de cada um, orientar nas habilidades de relacionamento e comunicação, ampliar habilidades lógico-matemáticas, despertar o gosto pelas artes, trabalhar a autoestima e a auto-imagem positivamente, e abrir possibilidades para o autoconhecimento, trabalhando com as diferenças.

Na sala da professora E, nota-se um trabalho que visa minimizar as diferenças entre os alunos.

*A menina J que tem problemas de aprendizagem não quer sentar para fazer a atividade (modelar cinco frutas com massinha de modelar para colocar na cesta da chapeuzinho vermelho) e joga as massinhas no chão.*

*A professora teve que sentar ao lado da menina J para ajudá-la a fazer: “J senta aqui com a professora que eu te ajudo, tu tens que fazer o trabalhinho, olha os teus colegas estão todos fazendo o trabalhinho tu também tem que fazer” (professora). A menina J entendeu perfeitamente, embora ela tenha problema de concentração, sentou junto a professora para fazer a atividade, a menina fez a atividade e contou com a ajuda dos colegas também. (nota de campo)*

A prática docente é o instrumento que interfere na construção do todo de um indivíduo na escola, é através da prática que o professor deixa transparecer seus pensamentos e o que ele acredita, embora muitas vezes esta prática esconda um currículo oculto, nas entrelinhas o professor transmite aquilo que ele confia ser o melhor ou não, por isso o professor é um formador de opiniões e quando se é responsável não só por sua vida, mas também por dezenas de outras vidas, tem que estar pronto para lidar com as mais diversas situações e o mais complexo dos seres, o ser humano.

“Bons professores falam com a voz, professores fascinantes falam com os olhos. Bons professores são didáticos, professores fascinantes vão além. Possuem sensibilidade para falar ao coração dos seus alunos.” (CURY, 2003, p.64) A prática do professor contribui muito na formação do aluno, mas mais importante que a prática ou tão quanto importante é a prática, está a sensibilidade de enxergar as possibilidades de aprendizagem do seu aluno.

Nas entrevistas realizadas com as professoras da Educação Infantil, a grande

maioria relatou não ter tido problemas com rótulos ou apelidos na sala de aula, sabidamente prejudicial ao desenvolvimento sadio da criança. A professora A disse que costuma trabalhar essa questão desde o início do ano.

Sempre digo para os meus alunos o que tu não quer pra ti não faz para os outros. Este ano na minha turma não aconteceu nada disso, mas a turma do ano passado era demais, praticamente todos os dias eu tinha que conversar com os alunos sobre os apelidos, fazia com que eles analisassem se era certo colocar apelido nos outros, um menino disse que na casa dele todo mundo tinha um apelido, eu disse que na casa dele era problema dele e que na escola cada colega tinha um nome. Porque também tem o problema daqueles que não gostam de apelidos e sofrem muito. No meio do ano os colegas que andavam com aquele menino que colocava apelido em todo mundo, colocaram um apelido nele, ele começou a chorar, foi bom porque ele entendeu que era ruim e eu pude trabalhar isso na sala de aula através de um projeto.

A questão de rótulos e apelidos, embora interfira na construção da autoestima das crianças, ainda é pouco discutido nas escolas, as professoras argumentaram que a criança da educação infantil ainda é muito inocente e não tem maldade, mas vale lembrar que esta realidade existe, contudo em menor relevância.

A professora B, durante uma atividade, argumentou com seus alunos a importância da utilização do nome próprio.

*As crianças estão apreciando músicas de um novo cd com canções infantis que primeira vez a professora trouxe para a sala de aula. Todos estão quietos para conhecer a nova música, a professora começou a coreografar para as crianças a música, com muita atenção eles acompanham. Dois meninos começaram a se bater e falar mal, um apelidando o outro, a professora desligou o rádio e perguntou o porquê da briga e apelidos. Eles não responderam, a professora insistiu “M. tu não sabe que o nome dele é C.? Tu gosta que coloquem apelido? O C. também não!” “Gente o nome da gente é algo muito especial, quando os pais escolhem aquele nome é assim que seremos reconhecidos, eu só conheço vocês pelo nome, que seja a primeira e última vez que isso acontece aqui na sala.” (nota de campo)*

É importante os professores prestarem atenção nesse aspecto dentro da sala de aula para evitarem problemas maiores, resolvendo pequenos conflitos na sala como os apelidos, o professor está contribuindo na formação da criança.

“Bons professores corrigem os comportamentos agressivos dos alunos. Professores fascinantes resolvem conflitos em sala de aula.” (CURY, 2003, p.75) Portanto a prática docente é fundamental na construção da personalidade da criança, sendo influenciável a ponto de interferir na construção da autoestima da

mesma, o professor passa os sentimentos positivos e negativos, incentiva ou desestimula, acredita ou desacredita seu aluno, é através dela que o professor contribui para a formação de uma criança sadia e bem resolvida.

## 5 CONCLUSÃO

Ao se falar sobre autoestima, primeiro deve se levar em conta o que se entende por autoestima e que importância esse sentimento acarreta na vida das pessoas. Na sociedade contemporânea, embora mais aberta a discussões sobre o bem estar das pessoas, ainda se encontra resistência em atribuir importância para os sentimentos, por medo, desconfiança, fraqueza ou incertezas. O certo é que muitas vezes os sentimentos passam despercebidos e as pessoas não conseguem identificar o porquê de tanto sofrimento.

Essa pesquisa procurou compreender, de que forma o professor interfere na construção da autoestima da criança na pré-escola, buscou entender como o professor trabalha a autoestima de seus alunos na sala de aula, e se trabalha, como o faz.

Durante a pesquisa percebeu-se que os professores têm conhecimento sobre a autoestima e sabem da importância que a mesma exerce na vida das crianças tanto de forma negativa quanto de forma positiva.

O estudo revelou que os professores que tem maior consciência do beneficiamento da autoestima elevada, desde a recepção as crianças, trabalham esse sentimento, recebem com palavras carinhosas um a um mostrando que cada um, à sua maneira, é especial e bem querido. Durante as atividades propostas em sala de aula, o professor procura ser sensível e amável com as crianças sem deixar de cobrar atitudes corretas e impor limites, sempre fazendo com que as crianças analisem o porquê daquela atitude.

As participantes da pesquisa também usam de incentivos para estimular a produção dos seus alunos, sem julgar o que é certo ou errado, respeitando a criação dos mesmos. Durante uma atividade como a hora do conto as professoras trabalham a lógica como cores, números, forma, mas também os sentimentos inclusos em cada personagem, procuram associar a fantasia da história com a realidade da criança fazendo com elas analisem as situações, fazem com que a própria criança pense, crie e reflita, sem dar a conclusão pronta, e isso é muito significativo.

Também foi perceptível ver que a valorização da criança na sala de aula através de palavras de estímulo fazem muita diferença, aquele aluno que é mais

tímido ou que apresenta maiores dificuldades, quando recebe um olhar diferenciado da professora, um olhar de ajuda, de “você consegue”, ele acredita que consegue e vai em frente, supera seus desafios.

O trabalho do professor na sala de aula precisa ser direcionado ao aluno, foi verificado na pesquisa que o professor precisa amar a profissão e estar de bem consigo mesmo, necessita enxergar no aluno as suas capacidades e não as suas limitações para perceber quem precisa de auxílio, fazer de cada momento em que estiver com o aluno um momento de aprendizagem. O professor consegue trabalhar a autoestima do seu aluno quando demonstra que tem interesse e participa das conquistas do seu aluno.

Era preciso averiguar como o professor da Educação Infantil trabalha a razão e a emoção do seu aluno, certamente que o professor não chega na aula e diz agora vamos usar só a razão, depois só a emoção, mesmo porque o interessante é utilizar os dois hemisférios em harmonia. As professoras dizem trabalhar com a razão e a emoção quando fazem com que os alunos pensem sobre suas ações, quando trabalham com a lógica e o emocional nas atividades, fazendo-os perceber que sempre se pode agir conforme os sentimentos, que se deve pensar antes de agir.

Era preciso também compreender a relação entre autoestima e aprendizagem na pré-escola, durante as observações foi possível perceber e até mesmo no relato das professoras, que a autoestima influencia e muito na aprendizagem das crianças. A criança de bem consigo mesma é espontânea, alegre, segura e sempre consegue resolver os seus problemas, está sempre aberta a novos aprendizados, é participativa, procura ajudar os outros, não tem vergonha de falar e busca sempre mais. O contrário, é uma criança com medo de se posicionar, tem maior dificuldade com relacionamentos interpessoais, menor rendimento escolar, inseguros e são poucos participativos nas atividades.

A relação que se faz com esses dois perfis totalmente diferentes, é que a autoestima elevada contribui para uma aprendizagem de qualidade e significativa para a criança, que o gostar de si faz muita diferença na hora de aprender.

Os objetivos foram alcançados em resposta ao problema, acredita-se que ainda há muito a ser discutido, muitos conceitos a serem ampliados, outros focos devem ser pesquisados e, embora o professor tenha consciência do seu trabalho em relação a construção da autoestima da criança, esse profissional, como qualquer outro, tem dúvidas em relação ao seu trabalho, por isso a importância de um

diagnóstico da turma. É fundamental, também, a sensibilidade do professor na Educação Infantil, ele precisa ter um olhar diferenciado dos demais professores.

Compreende-se que a valorização da criança pela família e da escola em parceria seria essencial na construção da personalidade da criança, ambas trabalhando juntas, sem invadir o campo de atuação uma da outra.

Quiçá os professores se autoconhecessem primeiro, dessem oportunidade a si mesmos para despertar seus sentimentos em relação a si, demonstrassem amor pelo que fazem, talvez conhecessem melhor seus alunos, buscariam mais alternativas em ajudar aquele aluno com mais dificuldades, compreenderiam melhor os problemas enfrentados pelos alunos, afinal criança também tem problemas.

Portanto, entende-se que o trabalho do professor na construção da autoestima do aluno tem muita relevância, o professor pode contribuir positivamente ou negativamente nessa construção, precisa, para isso ter um olhar diferenciado para seus alunos a fim de perceber aquele que necessita de maior auxílio.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. **Relações interpessoais e autoestima**: a sala de aula como um espaço do crescimento integral. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BAGGIO, Cyntia Ratzke Silva. **Bilateralidade Cerebral na Prática Pedagógica**. Disponível em: <[http:// www.utp. Com/letras](http://www.utp.com/letras)>. Acesso em 30 mar. 2009.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BOWLBY, John. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BRANDEN, Nathaniel. **O poder da autoestima**. São Paulo: Saraiva, 1998.
- BRIGGS, Dorothy Corkille. **A autoestima do seu filho**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- CLEMES, Harris; BEAN, Reynold. **Crianças seguras**: Como aumentar a autoestima das crianças. São Paulo: Editora Gente, 1995.
- FICHER, Natalie. Como ajudar os alunos a construir a autoestima. Disponível em: <http://www.Howtodothings.com> Acesso em 30 mar. 2009.
- GARDNER, Howard. **Estruturas da mente**: a teoria das Inteligências Multidisciplinares. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.
- HAY, Louise L. **Aprendendo a gostar de si mesmo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.
- MÉDICI, Ângela. **A escola e a criança**. Rio de Janeiro, 1960.

MENGA, Lüdke; ANDRÉ, Marli E. A. **Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MOYLES, Janet R. **Só brincar?** O papel do brincar na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MUKHINA, Valeria. **Psicologia da idade pré-escolar.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SABBI, Deroni. **Sinto, logo Existo.** Porto Alegre: Sabbi Institute, 2004.

SHÖN, Donald A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

TAVARES, Adriana. A construção da autoestima. Revista Claudia. Disponível em: <http://www.educarparacrescer.abril.com.br>. Acesso em 30 mar. 2009.

TAILLE, Yves de la. **Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

VOLLI, Franco. **A autoestima do professor: manual de reflexão e ação educativa.** São Paulo: Edições Loyola, 1998.

WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget.** São Paulo: Pioneira, 1993.